

CUCA CANALS

O JOVEM

POE

O mistério

da rua

Morgue



CAMALEÃO

Rio de Janeiro, 2024



1.	Duas pobres mulheres assassinadas	1
2.	William Henry Leonard	12
3.	O assassino está à solta!	21
4.	Investigando por conta própria	35
5.	O detetive Dupin	42
6.	Estão nos seguindo na escuridão	53
7.	Roderick Usher não é um assassino	63
8.	O mistério das duas vozes	76
9.	Na cena do crime	83
10.	O mistério continua	96
11.	Varrendo entre os mortos	102
12.	A pista definitiva	107
12+1.	Procurando a fera	114
14.	Jovem demais para morrer	125
15.	Um final quase feliz	132



DUAS POBRES MULHERES ASSASSINADAS

Esta história que vou lhe contar começa com um terrível assassinato. Ou melhor, dois. O de uma mãe e o de sua filha. Duas pobres mulheres que apareceram mortas a três quarteirões da casa onde eu vivo, na rua Morgue.

Vi com meus próprios olhos como as retiraram pela porta principal, uma atrás da outra. Os curiosos se amontoavam na frente do edifício, boquiabertos. As crianças choramingavam com aquele espetáculo tão macabro. As vítimas estavam com o rosto tão desfigurado que ficou impossível reconhecer quem era a mãe e quem era a filha. Parcialmente cobertas por um lençol branco que já estava tingido de vermelho, não era difícil imaginar que tinham sido vítimas de uma autêntica carnificina. Enfim, um espetáculo nada agradável, nem sequer para mim, que estou tão acostumado a ver mortos.

Lembrei-me de haver cruzado com elas em alguma ocasião. E enquanto as duas macas desapareciam da minha vista, perguntei-me quem poderia ter sido capaz de cometer tamanha barbaridade.

Mas vamos por partes...



O dia em que se produziu o assassinato duplo foi muito atarefado. Ao meio-dia, após sair da escola, minha irmãzinha Rosalie e eu fomos à Campana, uma casa abandonada aonde as crianças do bairro costumamos ir. Embora seja de propriedade do governo local, podemos usá-la até que seja demolida. Lá nos reunimos depois das aulas, longe dos mais velhos. É um lugar cada vez mais disputado, pois ali podemos fazer muitas coisas sem sermos vigiados: há quem se dedique a papear, a jogar cartas ou a mexer com as meninas. Também há aqueles que, como eu, preferem fazer negócios.

Eu me dedico a vender sustos. Sim, vendo sustos; esses de assustar. Em troca de uma pequena quantia em dinheiro, meus clientes podem escolher um dentre os muitos que lhes ofereço. E para que eles servem? Muito fácil. Para amedrontar a pessoa que o cliente mais deteste. Inclusive, fiz um catálogo onde explico, passo a passo, como realizá-los. Vendo de sustos para intimidar pais cruéis ou irmãos mais velhos aproveitadores até sustos para se vingar de professores injustos ou de tutores impiedosos.

Mas... pelos meus mortos! Ainda não me apresentei.



Meu nome é Edgar Allan Poe. Acabo de completar 11 anos e vivo com meus pais adotivos no bairro das Belas Artes de Boston, embora seja mais conhecido como o bairro das Crianças Postiças, pela grande quantidade de famílias com crianças adotadas que lá residem. Pelo menos, graças a isso, a duas ruas da minha casa vive minha irmã mais nova Rosalie com seus padrastos. Tenho outro irmão, William Henry, mas ele vive fora de Boston. Há alguns anos, nós três vivíamos juntos em um orfanato, até que nos deram em adoção e fomos parar com três famílias diferentes. Além disso, meus pais adotivos têm outro filho, Robert Allan, de 16 anos. Ele me odeia, pois acredita que vou ficar com a herança de seus pais. É arrogante e insuportável, porém, para minha sorte, está no internato de um colégio militar e só o vejo duas semanas por ano.



Na escola, me chamam de “O Esquisito”. E não só a mim, mas também à minha família. Que digam o que quiserem, não me importo com o que os outros pensam. A quem prejudico sendo como sou? Por acaso não somos todos um pouco esquisitos? Quem não tem alguma mania? Não são piores as pessoas que se dizem normais, mas estão

sempre incomodando os outros? Acredito que ser esquisito significa ser único. E isso, mais do que um defeito, parece-me ser uma virtude.

Por exemplo, sempre que vou a algum lugar pela primeira vez, preciso formar um círculo caminhando. Também adoro fazer formas geométricas com tudo: com o purê de batatas faço quadrados; com as pedrinhas do jardim faço triângulos; e nas superfícies empoeiradas desenho círculos com a ponta do meu dedo indicador. Não suporto quando os objetos que são colocados um ao lado do outro se tocam, sejam eles talheres ou gizos coloridos. Quando vou dormir, antes de fechar os olhos, preciso contar até treze. Além disso, sou um pouco supersticioso. Pelas manhãs, sempre saio da cama pisando no chão do meu quarto com o pé direito. Se errar algum dia, fico na cama o dia todo, por mais que tenha que inventar uma desculpa dizendo que estou doente, pois, caso contrário, meus padraustos não permitiriam! Durante as noites de tempestade, faço questão de dormir com a barriga coberta e a janela bem fechada. É assim desde o dia em que li que os fantasmas podem roubar seu umbigo e devorar você sem piedade.

Outro motivo pelo qual me rotulam de esquisito é que meu padrausto é dono de uma funerária, um lugar que, certamente, visito com frequência: sempre que ele se irrita comigo, me manda lá para varrer. Isso fez com que, além de tornar-me especialista em limpar o chão, eu já tenha visto centenas de mortos. Para ser preciso, 457 cadáveres até hoje. No início, eles me davam um pouco de medo e calafrios, mas agora só me causam uma respeitosa indiferença. Às

vezes, quando termino de varrer, tiro um cochilo dentro de algum caixão vazio, e agradeço aos defuntos por não contarem nada ao meu pai adotivo. É uma das vantagens de viver entre os mortos: eles não incomodam ninguém. Usando a vassoura, adoro fazer pequenos círculos com a sujeira e imaginar que o pó se transforma em enormes besouros, baratas ou aranhas que rastejam pelas paredes. São tão repugnantes que até os cadáveres ressuscitam ao vê-los.

Por uma imposição de meu padrasto, um homem muito pragmático, sempre me visto com roupas pretas. Tenho 6 camisas, 3 suéteres de gola alta, 1 colete, 2 casacos e 2 pares de sapato. Todos pretos. São também dessa cor minhas 3 cuecas, as 6 camisetas de baixo e meus 3 camisões de dormir. Assim, as manchas e o desgaste das minhas roupas não são muito notados, e minha madrasta tem menos trabalho comigo. Acho que usar preto também não me ajuda a ser visto como um jovem normal; mas não me importo, porque é minha cor preferida. Assim como a escuridão e a noite.

Adoro mergulhar no breu. Quando fecho os olhos, posso fazer tudo o que quiser: desde imaginar que posso voar até enfrentar um exército de bisões. Acontece a mesma coisa quando escrevo. Posso inventar mundos irrealis, criar personagens maravilhosas ou até mesmo torturar meu padrasto. Por isso, quando for mais velho, quero ser escritor. E, o melhor de tudo, com a imaginação consigo ver, sempre que quiser, minha mãe verdadeira que morreu há três anos. Ela chega perto de mim e nos abraçamos.



Tenho um amuleto que, devo reconhecer, não é muito “normal”: o olho de um morto, que guardo em um frasco com formol. Roubei-o há muito tempo da funerária do meu padrasto e sempre o levo em meu bolso. Além disso, ele me serve como uma arma secreta de defesa. Se alguém me incomoda, eu aproximo o olho e, em 99% dos casos, consigo que me deixem em paz.

Também tenho um animal de estimação muito especial, um corvo que batizei de Neverland. É a única palavra que sabe pronunciar! Ele a repete constantemente, por isso, não foi muito difícil decidir seu nome. Vive no beiral do telhado da nossa casa, e no inverno, quando faz muito frio, deixo que durma no sótão, onde guardamos os móveis velhos. Às vezes ele me segue aos lugares aonde vou, como se quisesse me proteger lá do céu. Quando me acompanha até a escola, costumo lhe pedir que se mantenha a uma distância prudente para que ninguém saiba que ele e eu somos amigos. Rosalie é uma das poucas pessoas que o conhece. Meu padrasto, é claro, nem sabe de sua existência, pois, caso se inteirasse, tenho certeza de que o depenaria e faria picadinho dele sem pensar duas vezes.



Mas voltemos ao dia em que foram cometidos os dois assassinatos.

Como eu dizia, horas antes estava com minha irmã no prédio da Campana, onde as crianças do bairro se reúnem. E por mais que eu só viesse a descobrir uma semana mais tarde, naquela casa abandonada estaria a chave dos dois assassinatos da rua Morgue.

Joana, colega de classe da minha irmã Rosalie, foi minha cliente de sustos naquele dia. O motivo: na madrugada anterior, foi acordada por alguns ruídos que ouvira lá de sua cama. Quando se aproximou da janela de seu quarto, viu um animal gigantesco atravessando a rua. Aterrorizada, acordou seu padrasto para alertá-lo. O homem, em vez de dar ouvidos, decidiu bater nela, convencido de que a menina estava inventando essa história. Joana insistiu; não tinha dúvidas sobre o que seus olhos haviam contemplado: um animal descomunal correndo pela rua.

— Só queria avisar meu pai, e em troca, recebi uma dura reprimenda — contou-me ela, indignada. — E o pior de tudo, é que me deixou de castigo: um mês sem poder tomar achocolatado. Como ele pode ser tão cruel?!

Joana afirmou que estava profundamente magoada e indignada.

— Eu faria o mesmo, me vingaria do meu padrasto — falei a ela.

Minha irmã, que às vezes parece um papagaio, repetiu meu comentário e proclamou:

— Eu também me vingaria do meu padrasto.



Susto número 17:

O DEDO AMPUTADO

Ingredientes necessários

- 1 salsicha
- 1 cebola
- Molho de tomate
- 1 prato pequeno



Modo de preparo

- 1) Corte a salsicha no meio; melhor se estiver crua, assim será mais repugnante. Coloque-a sobre o prato.
- 2) Para fazer a unha, use um pedaço de um anel da cebola. Corte-o em formato retangular, aproximadamente do mesmo tamanho de uma unha de verdade. Coloque-o sobre a extremidade da salsicha.
- 3) O molho de tomate será o sangue. É preciso colocá-lo na parte cortada do dedo! É aconselhável deixar o prato em um lugar pouco iluminado para que pareça mais sinistro.



Joana escolheu o número 17 do meu catálogo de sustos: o dedo amputado! Entreguei a ela a lista do que precisava para executá-lo. Adoro fazer listas para tudo! É claro, tive que dar um desconto para Joana por culpa da minha irmã, que sempre me faz reduzir o preço dos meus sustos; dessa vez, com a desculpa de que eram amigas.

Assim como a maioria dos sustos que criei, já havia testado o do dedo amputado em casa com meu padrasto. Coloquei-o sobre a poltrona em que ele costuma se sentar e... quase teve um infarto quando o viu!

Depois de vender o susto a Joana, fomos correndo para minha casa. Rosalie e eu havíamos combinado de almoçar com meu irmão mais velho, e já estávamos atrasados. William Henry vive em Baltimore, a 642km de Boston, e nos vemos apenas duas vezes ao ano, quando seus pais adotivos o trazem à minha casa para que os três irmãos estejamos juntos.



Foi quando chegamos na rua Morgue que vimos o alvoroço. Muitos dos nossos vizinhos se amontoavam na frente do edifício onde havia sido cometido o assassinato duplo. Pude ver o Sr. Adolphe Griffin, dono do mercadinho, o casal Olsen e a família Print. E também a Sra. Grander, uma mulher tão feia que parecia um pesadelo, e além de tudo, insuportável. Todos a conhecem como a Fofoqueira, porque é muito linguaruda. Foi exatamente ela que se dirigiu

a mim para contar o ocorrido. Quando eu a via, imaginava que sua cabeça se transformava na de um papagaio que tagarelava sem parar. Eu sabia que, se ela começasse a falar, não pararia mais, assim, para que me deixasse em paz, decidi usar minha arma secreta. Tirei do meu bolso o frasco com o olho e o mostrei a ela, que soltou um grito e se afastou correndo. Minha irmã chorava de tanto rir.

Ao seu lado, Brandy Bones também ria de forma exagerada. É um jovem ruivo com um leve atraso mental que vive numa casa de acolhimento e mendiga comida por toda a cidade. Seu apelido Bones (ossos) se deve a sua magreza extrema. Realmente, é puro osso. Eu gosto dele; sempre está disposto a ajudar os idosos ou a fazer as crianças rirem. Quase todos os vizinhos têm afeto por ele e lhe dão comida. Porém, não há maneira de que Brandy engorde. Minha irmã e eu costumamos lhe dar parte do nosso lanche. Eu, inclusive, lhe ofereci alguns dos meus biscoitos favoritos, os amanteigados. São tão deliciosos que já cheguei a comer 58 num dia só! Minha madrasta os faz, e não tenho dúvidas de que são os melhores de Boston e do mundo inteiro.



Enquanto nos dirigíamos à minha casa, pude ver Roderick Usher, do outro lado da rua, debruçado na janela de sua residência de dois pisos. Sua irmã Madeleine e ele vivem na mansão Usher e são conhecidos por sua vida

incomum. Há quem diga que o jardim que rodeia a edificação está cheio de sepulturas de mortos que ganham vida quando chega a noite e que se reúnem com os dois irmãos no interior da casa. Da mesma forma, enquanto tentávamos nos afastar da multidão, identifiquei o Sr. Jones, escondido atrás de um poste de luz. Ele não perdia nenhum detalhe do que estava acontecendo. Sua esposa falecera havia dois meses, e os rumores no bairro diziam que ele era o assassino. Realmente, é um ser intratável e mal-humorado; se alguém o contraria, fica muito zangado. O Sr. Jones percebeu que eu o olhava, e para me provocar, fez com seu dedo o gesto de uma navalha degolando meu pescoço. Não sei por que, mas pensei que ele poderia ser o culpado dos crimes contra as duas mulheres.

Rosalie, assustada, segurou minha mão. Aceleramos o passo.

- Vamos, pois já estamos atrasados — eu disse.
- Sim, pois já estamos atrasados — concluiu ela.

~



Capítulo
2

WILLIAM HENRY LEONARD

Quando chegamos à minha casa, William Henry já estava nos esperando. Sentado na entrada oval, levantou-se do sofá com um salto ao atravessarmos a porta. Minha madrastra estava ao lado dele.

Rosalie deu um grito de alegria ao vê-lo, e nós três nos abraçamos por bastante tempo. Como toda vez que via uma cena comovente, minha madrastra chorou emocionada. Acontece a mesma coisa com minha irmã: sempre que alguém chora, ela também chora. Eu, inclusive, estava prestes a fazê-lo, mas me contive, pois só faria com que minha madrastra derramasse ainda mais lágrimas. Assim como Rosalie, sinto muita saudade do nosso irmão mais velho. Tirando essas duas visitas rápidas, durante o ano nos comunicamos unicamente por meio de algumas cartas. Meu irmão detesta escrever. Diz que quando precisa captar seus pensamentos no papel, dá um branco e mal

consegue preencher uma página. Na minha opinião, é desculpa dele. Mas eu o perdoo, porque ele é meu irmão. Comigo acontece o contrário. Prefiro escrever a falar, pois a escrita obriga você a refletir. Por outro lado, quando você abre a boca, dela pode sair qualquer idiotice da qual pode se arrepender depois.

Minha madrastra nos levou até a sala de visitas, onde havia preparado uma bandeja com chá e outra com seus biscoitos amanteigados, os melhores de Boston e do mundo inteiro. Fiquei com água na boca ao vê-los: havia no mínimo 50 biscoitos me esperando ali. Rosalie e eu estendemos a mão ao mesmo tempo. Ela gosta desses biscoitinhos tanto quanto eu! Depois de brigarmos por eles, o passo seguinte foi disputarmos a atenção de William Henry. Estávamos impacientes para lhe contar que havíamos visto dois cadáveres.

— Assassinaram duas mulheres! — soltei.

— Sim, assassinaram duas mulheres! — repetiu Rosalie.

Minha irmã é muito exagerada, e contou ao meu irmão que havia tanto sangue no vestíbulo que precisaram de dois baldes para recolher tudo. Enquanto ela falava sobre o que havíamos visto, fui ao meu quarto buscar um bloco de anotações. Havia feito uma lista para me lembrar de tudo o que queria dizer ao meu irmão naquele dia.

Já se passaram dois anos desde que saímos do orfanato para sermos adotados por famílias diferentes. Rosalie e eu temos a sorte de viver em Boston e de nos vermos quase todos os dias. William Henry, por outro lado, se sente